

#31 Versos Iniciais da Prajna Paramita – RI 2020

Lama Padma Samten

Bacupari, 25/07 a 02/08

Revisão: Mônica Kaseker 15/11/2024

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #31

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

Versos iniciais da Prajnaramita

Quando nós vamos estudar o Prajnaramita, nós começamos com os versos introdutórios. Nem sempre tem isso. Na versão tibetana pode ter e pode não ter, mas aqui nós estamos usando uma versão tibetana que tem estes versos introdutórios. Quem, por exemplo, pertence ao Zen não vai encontrar estes versos introdutórios e também não vai encontrar os primeiros parágrafos. A versão que é utilizada no Zen, ela começa quando se descreve que “o nobre Avalokiteshvara, o Bodisatva quando praticava o profundo Prajnaramita”, começa aí. Aqui no nosso texto nós começamos com “uma vez o abençoado estava residindo em Rajagriha, tem uma introdução.

O texto do Zen, ele termina quando nós dizemos o mantra *Gate, gate, paragate, parasamgate bodhi svaha, prajnamaramita, ho*. Aí terminou, terminou o sutra. Nós não dizemos *Então o bodisatva e o Buda retornou de sua meditação e louvou...* esta parte final não tem. O mestre Dogen utiliza esta versão assim, focada. Esta versão que nós utilizamos, ela vem dos textos que os tibetanos de um modo geral usam, os Kagyüs usam esta versão, os Ningmas usam esta versão, esta versão foi copiada de um afresco no tempo de Samie, no Tibet. Eu acho isso completamente maravilhoso, eles copiaram todas as letras em tibetano, traduziram aquilo para o inglês e nós estamos utilizando esta versão. Esta versão que está aqui, ela foi composta a partir de uma versão em inglês, e quem traduziu para o inglês foi Trungpa Rinpoche, ele próprio traduziu para o inglês, eu achei que está bem. Se nós acharmos que não está bem, nós resolvemos com ele, não é conosco.

Esta versão eu acho ótima e, por outro lado, se nós olharmos esta versão ela não é unânime, existem outras versões. Por exemplo, tem outros sutras que são, como o Sutra do Coração, ele está traduzido para muitas diferentes línguas, se vocês forem olhar vocês vão achar aquilo incrível, como possa ter tais diferenças. Eu vi também, tem linhagens tibetanas também que têm versões um pouco diferentes ou quase que bastante diferentes. Uma das coisas, por exemplo, *como deveria proceder o filho ou a filha de nobres qualidades?* Esta é uma parte curiosa assim porque, por exemplo, uma das traduções que eu vi ligada aos Gelugpas dizia: *como deveria proceder um monge que tenha desenvolvido, que tenha feito as preliminares*. Aqui nós não estamos tratando disso, nós estamos olhando os filhos e as filhas de nobres qualidades, nós não estamos dizendo que fez isso ou fez aquilo, ele tem nobres qualidades, tem capacidade de entender isso. Tem essas interpretações assim no meio.

Essa é uma razão porque é importante a contemplação, porque quando nós começamos a contemplar com o olho do Prajnaramita, nós desenvolvemos uma visão adequada do conjunto.

Essa mente que vai se desenvolver, que nós vamos usar para olhar o próprio texto, ela provém da contemplação do texto como um todo, ela não provém de uma linha, é importante que nós tenhamos essa clareza, a nossa prática é este tipo de prática. Aqui nós vamos começar pelos versos de louvor, pelos versos iniciais, pela homenagem a Prajnaparamita. Esta parte da homenagem é quase como um resumo do texto, ela é super importante também.

Ainda olhando este contexto, é importante nós entendermos que a literatura Prajnaparamita, os ensinamentos Prajnaparamita, eles têm versões longas, aqui nós estamos olhando aquilo que é chamado o Mahaprajnaparamita Ridaia Sutra. Vocês vão *ver Dja-gar ke du ba-ga-ua-ti pra-nya pa-ra-mi-ta hri-da-ya*. Coração, é o centro, é o coração do entendimento que a Prajnaparamita. Prajnaparamita não é um texto, é um entendimento, é uma forma de olhar.

Aqui nós estamos olhando o coração disso, o núcleo disso, nós vamos encontrar textos que são muito mais extensos, cujo o núcleo é esse, mas são textos mais extensos. E nós vamos encontrar uma versão do Prajnaparamita que é mais curta que é a versão do Prajnaparamita em uma única sílaba, que é muito extraordinário, eu considero muito extraordinário também. Nós olhamos assim “o que é isso?” Parece que falta tudo. É a sílaba AH que significa luminosidade. Eu acho isso muito notável que o resumo do Prajnaparamita seja a sílaba AH. Porque se nós entendermos como é que a luminosidade - AH é a luminosidade - a pessoa entendeu que é a luminosidade, quando ela olha em volta ela vê tudo surgindo assim, e se a pessoa entende que é a luminosidade que faz tudo surgir, ela vai entender que as coisas são vazias. Esse é o ponto, e aquilo é a semente do núcleo do coração do Prajnaparamita. Se nós quisermos entender este texto aqui, nós precisamos entender este aspecto, que é essa semente. Em vez de entrarmos pela vacuidade, nós entramos pelo AH, pela luminosidade, entender que este poste é a luminosidade. Eu não vejo mais o tronco, eu não olho mais como um tronco, eu olho como um poste, a composição do poste é luminosidade. Quando eu vou olhando em qualquer direção, tudo é luminosidade.

Essa contemplação das coisas como luminosidade, ela abre a chave para entender o Prajnaparamita. Nós vamos perceber que forma, sensação, percepção, formações mentais, consciência, tudo isso é luminosidade, nós vamos olhando tudo como luminosidade. E, sendo luminosidade, o conteúdo grosseiro daquilo não está ali, é luminoso, portanto, o conteúdo grosseiro daquilo é vazio. Mas aqui, nos versos, tem um aspecto mais profundo ainda do que isso, que é “Como que eu sei que isso é assim?” Os versos tratam disso. Prajnaparamita é a sabedoria que vê que isso é assim, que é o aspecto sutil.

E aqui nos versos também brota de onde o Prajnaparamita brota, nestes poucos versos aqui. Tudo isso tem importância, que é o aspecto secreto, de onde brota essa compreensão que vê isso. Nós começamos com esta descrição: *Inconcebível, inexprimível Prajnaparamita. Não nascida, incessante, por natureza semelhante ao céu*. Inconcebível significa que ela é uma sabedoria, mas é uma sabedoria que é inconcebível, ela é um processo operativo, não é um conjunto de afirmações. Isto já é completamente extraordinário. Nós estamos acostumados a sabedorias que estão escritas em algum lugar, elas estão reveladas, elas têm fontes nas quais aquilo se baseia. Aqui, na Prajnaparamita, essa sabedoria é inconcebível, ela não só é inconcebível, como ela não pode ser descrita, ou seja, inexprimível. Para complicar mais, ela é não nascida. Não nascida significa - aqui não é que ela não apareça -, é que ela não tem uma origem no tempo ou uma origem causal. Não nascida, ou seja, incessantemente presente. Ele diz: *não nascida, incessante, por natureza semelhante ao céu*. Ou seja, não tem conteúdo, o céu não tem conteúdo, ele acolhe as coisas mas não tem conteúdo. Aqui nós poderíamos dizer, isso é a definição da abordagem Shandong. Por que? Porque a Prajnaparamita não tem nada, é como o céu, também é inconcebível, inexprimível, não nascida, mas é incessante. Isso remete a esse aspecto assim, é como se nós estivéssemos explicando como é que a salvação é possível, como é que a liberação é possível. Porque nós estamos o tempo todo focados em coisas que estão flutuando e nós não encontramos algo em que nós possamos se segurar verdadeiramente, que possamos tomar um refúgio seguro.

Mas agora nós encontramos o quê? Em nós, inseparável de nós - no início eu posso pensar que pertença a mim, porque nós estamos focados dentro da visão de bolha onde a nossa identidade é como existente, eu começo a olhar e parece que sou eu. Nós vamos reconhecer que há algo que

é insubmergível, tudo vai afundando, tudo vai andando, eu vou procurando coisa, tudo vai ruindo, ainda que tudo vá ruindo, nós não desaparecemos. O que é que não desaparece em nós? O que não desaparece é aquilo que é inconcebível, inexprimível, não nascido, incessante, por natureza semelhante ao céu, mas está ali. Por exemplo, se nós começarmos a olhar para dentro procurando o que é que há, nós não vamos encontrar, porque aquilo que há é inconcebível, inexprimível, não nascido, incessante, por natureza semelhante ao céu, mas é incessante. É incessante, tem algo dentro, é como o céu, é incessante. É uma categoria onde a palavra existência não cabe, porque a existência é uma palavra que está num contexto onde aquilo não existe, depois existe e depois não existe, mas aqui ela é incessante, por vezes se usa a palavra presença ou verbo estar e não o verbo ser.

As palavras não se ajustam muito, elas não se ajustam porque nós não estamos acostumados com este tipo de experiência, nós não temos também as palavras para clarificar isso. Agora, se isso está ali, como é que isso é experimentado, para eu poder dizer que está ali? Experimentado pela *cognição discriminativa pristina da consciência autorreflexiva*, ou seja, tem uma lucidez interna. Quando nós vamos recuando dos aspectos manifestos, vamos eliminando tudo, vamos reconhecendo a vacuidade e nos distanciando daquilo, tem uma sabedoria que está fazendo isto. Essa sabedoria tem uma clareza, essa clareza é o próprio Buda como o Buda fala. De onde é que vem esta sabedoria? O Buda, ele fala naturalmente, naturalmente tudo aquilo está claro para ele. Essa experiência - *experienciada pela cognição discriminativa pristina* - uma cognição que ela é capaz de apontar as coisas, mas ela é pristina porque ela é como o céu, ela não tem um referencial, o processo é olhar como que aquilo surge, olhando como aquilo surge. Este surgimento ele é descrito, e quando ele é descrito, aquilo se vê como luminosidade e não mais como uma existência.

Rigpa

É como eu estou dizendo aqui - o poste - se eu olhar profundamente aqui, eu vou encontrar um tronco, mas eu não estou me relacionando com o tronco, eu estou me relacionando com o poste. Esse poste, ele tem uma construção. Eu também posso olhar para isso e pensar: "lenha"! Tá, tá, tá, tá, tá (lama imita gesto de cortar lenha), pronto, já estou vendo as achas de lenha e vamos botar no fogão. E funciona. Ele funciona como poste e funciona como lenha. Eu começo pela luminosidade da mente, eu vou olhando os aspectos condicionados e vou criando adicionalmente sobre isso, isto é a origem dependente. O aspecto luminoso, ele vai criando por origem dependente, eu vejo isso. Mas aqui, como é que é visto isso? Isso é visto por uma cognição discriminativa, ela está discriminando, mas ela mesma não está presa a um fator, ela está descobrindo quais são os fatores que dão sentido para aquelas aparências da *consciência autorreflexiva*. Tem essa lucidez consciente mas ela olha a operação mental, Ela é auto reflexiva. Assim, essa seria uma definição de Rigpa: Cognição discriminativa pristina consciência autorreflexiva. Isto é Rigpa. A perda disso é a operação a partir da origem dependente. Eu não vejo isso, eu estou vendo agora como posso usar isso como lenha ou como poste ou como que, enfim, eu poderia passar uma massa e alisar totalmente e deixar um poste perfeito, digno, pintar e decorar. Ou poderia dizer, vamos tirar isso tudo e fazer outra coisa. Eu vejo todas essas construções, todas elas artificiais, o lugar onde eu estou vendo esta construção é um lugar livre, eu vejo como cada construção, todas elas, como artificiais.

O lugar onde eu estou vendo esta construção é um lugar livre e eu vejo como cada construção ela surge a partir de um conjunto de referenciais, aí eu faço a mente funcionar pelos referenciais e ela produz os resultados, esses resultados são luminosos, por isso eles também são impermanentes. Este processo que contempla o processo é Rigpa. Na ausência disso eu estou preso. Agora como eu vou fazer isso? Como que eu vou alisar? Como que vou colocar uma massa? Será que não racha essa massa? Como é que eu pinto e faço essa coisa toda acontecer? Tem algumas massas que não racham, são boas. Por exemplo, quando nós fazemos uma tanka, tem o pano, o pano pode rachar, naquilo também é passado uma base e essa base, em princípio, é um pouco flexível de tal maneira que aquilo não racha.

Esses pensamentos todos, sob aspectos práticos, são o pensamento da origem dependente, são as construções, é Marigpa, a perda de Rigpa, é a mesma mente, só que ela está operando segundo referenciais construídos. A própria mente que constrói e opera o samsara é a mesma mente cognitiva só que ela está operando agora segundo referenciais, quando ela opera por referenciais é Marigpa, eu perdi Rigpa, a capacidade de lucidez do processo. E quando eu opero de um modo em que estou contemplando o processo mental, elucidando o processo condicionado, eu vou chamar isso de Rigpa.

Só que Rigpa é a mãe de todos os vitoriosos dos três tempos. Essa sabedoria é o núcleo central de todos os Budas. Aqui está tudo entregue, está tudo explicado. Como é que os Budas funcionam? Eles funcionam desse jeito, por isso que vamos chamar eles de Buda, é isso - Liberto. Liberto do que? De ter que fazer, passar a massa, ficar preso em uma coisa, depois em outra coisa, sempre fazendo alguma coisa, sempre ligado.

Como nós temos sofrimentos, felicidades e infelicidades, nós buscamos, de um modo geral, ultrapassar esse processo através de uma transmigração. Nos transmigramos para outra mente condicionada, para outro conjunto de referenciais. Por exemplo, nós estamos olhando e queremos esta sala bonita, como é que nós fazemos aqui, tapar os buracos, tapar as frestas, não sei se tem alguma solução possível (risos). Vamos pensar, o bonito é assim mesmo. Vamos trocar a mente, assim está bom! Assim está super bonito, rústico, é uma coisa assim “budismo raiz” (risos). Melhor que isto só uma caverna. (esta coisa de templo todo arrumado é para os almofadinhas, aqui a coisa é raiz. Qualquer um pode ter um templo bonito mas um templo rústico assim, cheio de bicho e de fresta, é aqui). É isso, a nossa mente (sopros). O Buda está livre disso, está liberto desse tipo de coisa. *Mãe de todos os vitoriosos dos três tempos, passado, presente e futuro.* Mas é preciso dizer que não tem passado, presente e futuro, mas na sensação de tempo, os Budas que surgem dentro dos três tempos, que é o surgimento Nirmanakaya dentro do mundo ilusório, esses Budas “Ho”, eles são gerados por essa mente.

A você presto homenagem. A parte final é isto, homenagem a essa manifestação. Por exemplo, nesse momento tomar estes versos e começar a contemplar, eu acho que é uma boa coisa, porque nós vamos ganhando consciência, confiança que realmente essa manifestação está ali, nós vamos descobrir, essa manifestação ela é densa, sólida, inexpugnável, não abalável por Samsara. Você olha assim, é espantoso. Isso vai propiciar Budas uns atrás dos outros ainda que os mundos explodam em guerras nucleares e a terra seja reabsorvida pelo sol, inda que isso venha a acontecer, enfim é o apocalipse budista, esse é o apocalipse, ser reabsorvido pelo sol, - está lá nos textos do Patrul Rinpoche (esse apocalipse de ser inundado, isso é pouca coisa, apocalipse mesmo é ser reabsorvido pelo sol, aí a coisa é complicada). E aí perguntamos a Rinpoche: e aí? Nós vamos para onde? Rinpoche: vai todo mundo para as terras puras, garantido. No apocalipse budista é interessante isso porque aí a última gota d'água evapora, tudo vai desaparecendo, e na sequência os seres todos desaparecem, os níveis sutis desaparecem também (he, esta parte eu não gostei muito, desaparece o nível sutil. Eu não queria preocupar vocês aqui com isso. Mas não é ainda o coronavírus, é posterior assim).

Alaya Vijnana

Alaya Vijnana vai junto. Porque Alaya Vijnana está associada às nossas impressões enquanto seres humanos, e os seres humanos vão (sopro). Eu acho que o nível sutil dos dinossauros ainda existe, porque aquilo foi um apocalipse mais ou menos, meio falso assim. Aqueles níveis sutis terminam ressurgindo nos outros animais e terminam aparecendo em nós. Por exemplo, quando desaparece o planeta, as condições de vida como nós estamos acostumados desaparecem, todas as marcas mentais associadas a este tipo de surgimento evapora. Nós temos o nível secreto, do nível secreto brota de novo. Por quê? Porque a capacidade luminosa da mente não desaparece, a capacidade luminosa vai produzir outras marcas que vão constituindo um outro nível Alaya Vijnana, mas os conteúdos de Alaya Vijnana desaparecem. Por exemplo, os conteúdos de Alaya Vijnana relacionados a máquinas de escrever estão desaparecendo - certo que nós ainda estamos com o teclado, mas progressivamente aquilo vai sumindo. Por exemplo, os conteúdos de Alaya Vijnana associados a carroças puxadas por cavalos, que era a super habilidade que as

peessoas tinham, aquilo vai desaparecendo. Como construir uma roda daquelas em madeira, como botar um aro de metal em volta da roda de madeira, como fazer aquele eixo ter menos atrito, como fazer aquilo tudo andar assim, como poder fazer uma viagem com um cavalo se o cavalo vai cansar, como é que faz? O cavalo, não dá para chegar no posto de gasolina e abastecer o cavalo, como é que faz? Tem o nível condicionado, super sofisticado, no qual as pessoas podiam viajar a cavalo e elas podiam viajar com carretas, e com carroças de vários tipos. Esse é um conjunto de condicionantes que vai desaparecendo assim, vai sumindo. Naquele tempo, eles tinham postos de troca, as pessoas chegavam com os cavalos cansados, deixavam os cavalos, pegavam outros descansados e alimentados e seguiam com os outros. Era uma coisa assim. Você podia fazer uma viagem longa, de muitos quilômetros que você sabia que ia parar.

Eu fico pensando, por exemplo, que ciclista precisavam disso, sabe? Precisava ter uma rede, as ciclovias e os postos onde eles param, eles deixam as pernas deles, pegam outras descansadas (risos). Não, eles param ali, tomam banho, descansam, se alimentam, consertam a bicicleta, dão uma ajeitada assim, no dia seguinte, ou dois dias depois eles seguem. Vocês já imaginaram aqui, que maravilha o país assim, cheio disso aí? O pessoal anda um pouco e conhece umas pessoas, no caso dos budistas, andam um pouco, meditam um pouco, andam mais um pouco, e meditam mais um pouco. Seria assim. Está cheio de peregrino, tem gente andando a pé, gente andando de bicicleta, super bom. Cada lugar que chega tem uma hortinha no lugar, tudo orgânico, a comida direita, tem alguém ali cuidando, maravilha! Tem o pessoal que leva uma semente de um lugar, “olha essa semente é de um milho crioulo, ela funciona super bem”. “Ah que maravilha”. É assim, enquanto não vem o apocalipse budista nós vamos se divertindo assim. Mesmo que venha realmente um grande apocalipse budista, Rigpa não desaparece. Este é o ponto, que resiste ao núcleo do sol, até mesmo porque aquilo independe do aspecto grosseiro. Agora não tem nada no aspecto grosseiro onde não haja luminosidade, mesmo o núcleo do sol.

Este é o comentário que eu tinha para fazer sobre esta primeira parte do Prajnaparamita que é essa homenagem, que de um modo geral não está presente em outros textos do Prajnaparamita, mas está aqui. Ela apresenta, eu diria, a visão Shandong, tem algo real, nós poderíamos dizer “pegar ou largar”, porque, vamos pensar, ele está descrevendo aquilo que é o refúgio verdadeiro, nós estamos ligados já a isso e aí nós ficamos sofrendo porque nós ficamos focando em coisas menores e se afligindo com coisas menores, e nós esquecemos esse núcleo central.

Pertence a linhagem Nyingma, a linhagem Kagyü, a abordagem Shandong, pertence apontar como núcleo imbatível, não fluutuável, o núcleo inconcebível, inexprimível, não nascido, incessante, ele pode ser visto pela cognição discriminativa pristina, ele pode ser visto por Rigpa. Nós podíamos ver pela energia, pela luminosidade etc., mas eles privilegiam a cognição, que é uma coisa muito interessante! Muito interessante. A cognição aqui não é colocada como uma capacidade intelectual, ela é vista como uma lucidez. Essa lucidez, eu acho superimportante, não há a menor dúvida, ela é inseparável da luminosidade. A lucidez, ela não tem sentido se não tiver luminosidade, se não tiver vacuidade. Lucidez, luminosidade e vacuidade elas estão juntas.

Eu gosto de explicar isso através da luminosidade, que é, por exemplo, esse raciocínio que o próprio Thrangu Rinpoche usa, que várias linhagens usam, que é como um tronco vira um poste, como que um poste vira lenha. Cada uma dessas características é construída, ela é luminosa, eu acho que fica melhor nós olharmos isso, ganharmos essa lucidez olhando para os vários seres. Como que os papagaios pegam um galhinho e aquilo vira ninho? Como é que os João de Barro pegam uma bolotinha de barro e fazem aquela casa? Eles têm a capacidade luminosa de olhar para o barro e ver a casa. É a mesma coisa que nós, em qualquer direção que nós olhamos, e designamos, e criamos, e operamos dentro daquilo. Essa capacidade, eu considero que é uma capacidade crucial, que ela é inseparável de Rigpa, inseparável da luminosidade. O aspecto discriminativo comum, ele não é comum, ele é um aspecto discriminativo extraordinário porque ele é a própria luminosidade, ele manifesta a natureza última. Todos os seres, minhocas, pulgas (para falar do meu cotidiano - risos - fazer o que, né?), todos os seres, os Tuco-Tuco daqui, as serpentes daqui, todos eles têm essa habilidade de construir mundos, e criar territórios que eles entendem, e a partir daquilo eles vão criando outros aspectos. Se vocês olharem as plantas, as folhas, todos eles têm inteligência, eles vão se manifestando e vão expandindo. Olhem as folhas, olha a

inteligência, elas pegam carbono pessoal e transformam em folha, e essa folha não é uma folha, é uma folha viva que é capaz de pegar a própria luminosidade do sol e transformar aquilo em açúcar, transformar em não sei quantas substâncias, olha a habilidade que eles têm. Nós poderíamos dizer “não, isso é aleatório”, aleatório nada, cada folha tem seu jeito. É evidente que cada folha tem uma inteligência específica. É claro, é evidente. Tem o aspecto Sambhogakaya em cada folha. Esse aspecto Sambhogakaya ele é visto na tradição Iorubá, isso é Oxóssi, a inteligência das folhas, a inteligência das plantas, se não tem folha, não tem a deidade, eles olham a natureza, eles estão vendo aquilo, eles vêem aquilo, aquilo não é uma coisa misteriosa, aquilo é visível, é claro. Eles respeitam profundamente as plantas, as folhas, porque eles vêem aquilo, eles olham o princípio ativo de cada folha, ali tem a deidade, porque a deidade é o aspecto Sambhogakaya, ele se repete. Você pega aquilo e come aquela folha, pega aquilo e faz um chá daquilo, o que que acontece? Aquilo tem um princípio ativo. A maior parte dos remédios, para não dizer 100% dos remédios, começam nas plantas. Porque tem uma vastidão de inteligências Sambhogakaya produzindo diferentes coisas, o tempo todo. Aí os cientistas vão lá e pegam aquilo, vão à Amazônia e catam aquilo, vão no Cerrado e catam, patenteiam e nós depois tem que comprar a patente da inteligência da planta correspondente. Eles pegam aquilo e sintetizamos depois, começam a criar outras substâncias que já não precisam mais das plantas para serem produzidas porque eles vão sintetizando e terminam gerando aquilo.

Mas é visível que as coisas têm inteligências próprias. Essas inteligências elas são inteligências do aspecto luminoso da realidade. Agora, essas inteligências elas podem ser traçadas por uma mente tipo Prajnaparamita que não está presa a nenhum referencial. As inteligências específicas que vão produzindo sempre os mesmos resultados elas estão presas em conjunto de referenciais. Mas mesmo as inteligências que estão presas em conjunto de referenciais, elas se alteram porque a base delas é o aspecto secreto que é livre. Nós temos originação dependente sempre. As plantas, elas vão mudando, elas vão se adaptando, vão se ajustando, elas vão se transformando. As células delas vão se transformando, o núcleo da célula se transforma, o código genético se transforma, aquilo tudo vai mudando, aquilo não é alguma coisa fixa.

Quem me chamou a atenção pela primeira vez foi um pesquisador de uma Universidade do Canadá que eu encontrei num congresso internacional. Ele era professor da Universidade do Trungpa Rinpoche. Eu achei aquilo um pouco impactante porque eu sempre olhei o mundo externo como se fosse, dentro de uma abordagem mecanicista, que está ligada a noção do código genético. Por exemplo, eu olhando a biologia, aquilo é regido pelo código genético, aquilo vem tudo igualzinho assim, é uma mecânica, mas não é. Ele mostrou como isso não é, ele chama Ralph Sutton. Ele me deu o livro dele dedicado, chamado Biofilosofia. Aí eu guardei aquilo, copiei, porque eu achei aquilo super precioso, nós sempre perdemos os livros, então eu já copiei, para ter um, para não perder, eu fico sempre aguardando a oportunidade de aprofundar nesse tema, mas hoje eu estou vendo muitas pessoas trabalhando nisso, entre eles o Sheldrake, nessa abordagem que as coisas não são fixas no mundo biológico. Eu acho isso maravilhoso, porque é importante nós entendermos que as células têm inteligência, células são capazes de produzir coisas diferentes, e não simplesmente reproduzir como se fosse um processo mecânico. Isso é uma coisa muito importante, isso dialoga direto com o budismo, porque as células são inteligentes, a vida toda é inteligente. O que que é inteligente? O que é a inteligência? A inteligência nesse nível é a construção luminosa das realidades e dos referenciais que nós vamos utilizar.

A origem dependente segue, a natureza primordial vai assoprando dentro da origem dependente, a origem dependente ela toma aqueles referenciais e cria outros referenciais, na velocidade que for. Quando esses outros referenciais vão surgindo outras variações dos seres vão aparecendo. No fim, no fim, essa é a razão porque tem a abóbora cabotiá (risos). Tem as abóboras que vão mudando, mudando, mudando e tem os seres que vão mudando, tem a raça dos seres, isso é muito interessante. Mesmo antes da manipulação genética, os biólogos já tinham descoberto isso, eles vão fazendo, por exemplo, como é que eles produziram raças pequenas de cavalos pequenos e vacas e bois pequenos? Eles produziram como? Eles viram os animais pequenos, aí eles cruzando animais pequenos com animais pequenos e vão selecionando os menores, aí, daqui a pouco, tem uma vacazinha assim, do tamanho de um cachorro. No final de um certo tempo é isso,

que aliás era melhor que a Dudu aqui. Não vai correr atrás de nós e ainda vai dar leite. Tá certo que dá um copo de leite por dia (risos).

É interessante isso. Esse é um processo porque as células são inteligentes, elas produzem variações. Pode ser que o ambiente por onde estão andando, as vacas de um certo tamanho não vão funcionar muito bem, mas dependendo da mudança de ambiente, esse é um ponto muito interessante que nós vamos encontrando. Outro dia eu vi, eles encontraram restos fossilizados assim, muito antigos de elefantes pequenos, realmente pequenos, mas eram elefantes, os ossos exatos, tudo certinho. Porque isso está ligado a essa questão dos continentes que sobem e baixam, dos mares que surgem. Tem uma região que, por exemplo, ela estava ligada à Europa e à África, tinham os elefantes, mas aquilo afundou e virou uma ilha, a comida era pouca, num ambiente onde começa a faltar comida os animais menores sobrevivem e os grandões passam por problemas. Se aquilo é muito rápido, morrem todos, mas se aquilo é lento, os menores vão ganhando, vão sobrevivendo e os maiores vão tendo mais trabalho. Termina surgindo essa variação, isso é um indicativo de que a reprodução nunca é igual, nós temos muitas possibilidades. Na visão mecanicista disso, existem genes de todos os tipos, na visão budista disso o gen pensa, ele vai produzindo uma alteração, tem uma mente mais ampla que vai direcionando essas alterações. Isso é esse aspecto luminoso da realidade.

Essa mente que produz o Samsara, que produz as aparências e vai transformando as aparências, ela é a própria mente luminosa da base, da base luminosa, e as construções que vão surgindo, são da mente, da mente de Alaya Vijnana, a mente fundamental, tem essa descrição. Quando nós escutamos “mente fundamental” parece então que o fundamento, mas não é, mente fundamental é o fundamento do Samsara. Existe a mente primordial que é a que gera as aparências e que vai gerar a mente fundamental. Mente fundamental é Alaya Vijnana. Aqui existe essa consciência. Ela está lá pessoal, ela tá lá, não é nem elefante, nem cachorro, nem pulga, nem folha, ela é a mente livre produzindo a diversidade que vai se expandindo, expandindo. Vocês podem imaginar que, quando a vida surge, ela surge em alguma das expressões, e essas poucas expressões terminam se multiplicando nessa vastidão de diferentes seres.

Além dessa vastidão de diferentes seres, surgem as inteligências conjuntas dos seres, inteligências coletivas, surgem as inteligências da própria biosfera onde tudo isso está misturado com o curso dos rios, com as temperaturas, com o sol, com os ventos, com a água salgada, água doce, tudo isso vai gerando essa inteligência macro, e todas as inteligências micro, tudo entrelaçado. Esse processo entrelaçado é o próprio Samsara do planeta aqui, mas esse Samsara do planeta está entrelaçado com o Samsara geral, amplo que inclui sol, lua, inclui, por exemplo, a vida que transita através dos extremófilos, pelos corpos celestes vários? É assim.